

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO**

ONIELA MACHADO JOÃO

**QUANDO O CÉU TE FALA FORTE: REFLEXÕES DE UMA ARTISTA EM
CONSTRUÇÃO**

**UNESC
2018**

ONIELA MACHADO JOÃO

**QUANDO O CÉU TE FALA FORTE: REFLEXÕES DE UMA ARTISTA EM
CONSTRUÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
para obtenção do grau de Bacharel no Curso de
Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul
Catarinense – UNESC

Orientadora: Prof^ª. Ma. Silemar Maria de
Medeiros da Silva.

UNESC

2018

ONIELA MACHADO JOÃO

**QUANDO O CÉU TE FALA FORTE: REFLEXÕES DE UMA ARTISTA EM
CONSTRUÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa Processos e Poéticas.

Criciúma, 21 de junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva (UNESC) – Orientadora

Prof.^a Ma. Izabel Cristina Marcílio Duarte (UNESC)

Prof.^a Especialista Angélica Neumaier (UNESC)

Dedico este trabalho ao meu pai Juarez, a minha mãe Marisa, ao esposo Fabrício, meu irmão Regis e aos sobrinhos Miguel, Arthur e Henrique.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por demonstrar-se sempre presente no caminho o qual estou percorrendo e por poder encontrar nele anjos aos quais quero agradecer.

Ao meu pai Juarez que sempre se mostrou muito forte em sabedoria e dignidade para conduzir seus filhos, podendo sempre contar com a minha mãe Marisa, a qual devo meus agradecimentos por essa mulher guerreira, batalhadora que sempre zelou pelo aconchego do lar.

Agradecer a meu marido Fabrício sempre atencioso, e agora mais que nunca soube me compreender neste momento de me entregar totalmente a esta pesquisa.

A meu irmão Regis que cada dia me enche de orgulho, de menino a paizão que se tornou, e a meus sobrinhos que chegaram para fortalecer e iluminar nossa família.

Não poderei deixar de citar meus amigos, esses são joias raras, amigos que carrego no coração, amigos que fazem parte deste céu que compartilho nesta pesquisa. Trago aqui uma amiga em especial que está se fazendo muito presente nesta etapa de minha história, e que me acompanha nestes últimos 4 anos, a você minha amiga Paloma meu muito obrigada.

A minha orientadora, Silemar, por ter aceitado o meu convite, por compartilhar comigo seu conhecimento e sabedoria, por sua paciência e apoio. Aos professores da banca examinadora, por aceitarem o meu convite e por, ao longo do curso, terem contribuído para minha formação.

A todos o meu Muito Obrigada!

“[sou], como cada um de nós, um viajante nessas terras ainda mal exploradas que são as práticas autobiográficas. Um viajante que olha o mapa e que diz para si mesmo que as fronteiras que ele vê traçadas talvez não estejam tão corretas. De toda forma, é preciso atravessá-las para ver o que há do outro lado.”

Philippe Lejeuner

RESUMO

A presente pesquisa intitulada 'Quando o céu te fala forte: Reflexões de uma artista em construção', está inserida na linha de Pesquisa Processos Poéticos do Curso de Artes Visuais – Bacharelado (UNESC). Trata-se de uma escrita de uma linguagem simples de pensamento reflexivo e autobiográfico. Busco memórias que me auxiliaram na construção da artista que me faço ser. Trabalho o céu como caminho e ponte de conexão. Para dar embasamento a esta linha de pensamento trago autores como Kastrup (2015) e Lejeune (1998). A estampa se apresenta forte neste desafio, percorrendo sua história relacionando-as com a arte. Remeto-me, de início, à obra do artista Van Gogh, enquanto faço referência ao céu. Cito artistas contemporâneos como Sandra Cinto e Mônica Nador (2013) que tem no céu suas inspirações artísticas e poéticas. Busco, assim, responder o então problema da pesquisa considerando o céu como elemento estético, pergunto: como expressar artisticamente este sentimento vivenciado com tanta força que vai ecoando de dentro para fora e querendo estampar uma história que constituiu/constitui quem sou? Nesse processo, a materialização dessas questões se dá com a produção artística chamada: FASES, ao qual busco como objetivo expressar meu caminhar artisticamente, enquanto vou me construindo como artista.

Palavras-chave: Artista; Estampa; Identidade; Arte; Memória.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Fotografia da Paisagem do Cotidiano.....	13
Imagem 2 – Aula de Pintura em Campo Expandindo -UNESC	18
Imagem 3 – Blog da Alessa.....	21
Imagem 4 – Atêlie de Sirigrafia - UNESC.....	22
Imagem 5 – Camiseta Sirigrafada	23
Imagem 6 – Livro Jamac	25
Imagem 7 – Catálogo da Exposição Acaso e Necessidade.	27
Imagem 8 – Catálogo da Exposição Acaso e Necessidade	27
Imagem 9 – Catálogo da Exposição Acaso e Necessidade	28
Imagem 10 – Projeto de Estágio	30
Imagem 11 – Texto Curatorial da Exposição “Expressão do Eu”.	31
Imagem 12 – Convite para a Exposição “Expressão do Eu”	31
Imagem 13 – Montagem para a Exposição “Expressão do Eu”.....	32
Imagem 14 – Exposição “Expressão do Eu”.....	32
Imagem 15 – A Noite Estrelada de Van Gogh.....	33
Imagem 16 – Fotografia da paisagem do cotidiano, 2017	34
Imagem 17 – Figura de Acetato	36
Imagem 18 – Imagem do Céu	37
Imagem 19 – Fases.....	38
Imagem 20 – Exposição	20

SUMÁRIO

1 UM OLHAR PARA O CÉU	10		
1.1 O CAMINHO: QUESTÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA	11		
1.2 CAPÍTULO POR CAPÍTULO: QUE HISTÓRIA É ESSA?	15		
2 PROCESSO POÉTICO: A PINTURA EM CAMPO EXPANDIDO	17		
3 A HISTÓRIA DA ESTAMPA E SUA RELAÇÃO COM A ARTE	20		
3.1 A ESTAMPA E AS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS	25		
4 QUANDO O CÉU TE FALA FORTE: REFLEXÕES DE UMA ARTISTAS EM CONSTRUÇÃO.....	29		
4.1	DIANTE	DAQUELE	
CÉU.....		33	
4.2.	FASES:	A	PRODUÇÃO
ARTÍSTICA.....			35
5 CONCLUSÃO.....			39
6			
REFERÊNCIA.....			41

1 UM OLHAR PARA O CÉU

Pensar em uma pesquisa, seguir um caminho, descobrir um eixo norteador, pode nos possibilitar descobrir a nós mesmos. Quase que um exercício de pousar nas nuvens. Será? Os dias seguem, os anos passam na incansável tentativa de buscar respostas, possibilidades, transformações. E foi na trajetória acadêmica que busquei aprimorar minha profissão de designer em estampas no sentido de melhor compreender sua estreita relação com as artes. Ao entrar no Curso de Artes Visuais, tinha como objetivo ampliar meu conhecimento sobre estampas, nesse sentido pude perceber que as circunstâncias oferecidas pelo curso eram bem mais específicas com relação a arte. O que trazia de conhecimento sobre estampa era superficial, pois entendia que dentro daquele contexto de criação de estampa existiria uma fonte inesgotável de conhecimentos, algo realmente fascinante. Mas o que ainda não compreendia era a possibilidade desta fonte inesgotável estar ligada diretamente à vida e a arte. E o que entendia sobre estampa? As criações que conhecia como estampas eram apenas sobre moda, mas o criar das artes iria muito além de um papel e lápis ou um programa de computador, ao criar artisticamente estaria além do que pudesse imaginar.

Tomo este caminho como algo para iniciar o percurso desta pesquisa. A cada novo semestre, as leituras, as reflexões em sala de aula me faziam entender melhor este campo da criação. E foi nas disciplinas em ateliês que comecei a mudar o olhar para a estampa, realizamos um trabalho de pintura em campo expandido, ali me senti realizada com o resultado, nossas produções foram ocupando diferentes espaços nos corredores da universidade.

Em uma conversa com a orientadora, entre os questionamentos iniciais ela me questiona sobre esse fascínio com estampa. Pergunta sobre o que mais me prendia a atenção? O que me despertava o olhar? E justamente revendo meus trabalhos produzidos na disciplina de pintura encontro algumas respostas que vão suscitando outras questões que aqui trago como problema a ser investigado/pesquisado. Lembranças de experiência que tive fora do Brasil e são trazidas a partir de um olhar para o céu. O céu, algo para além das nuvens, algo que veio como uma lembrança poética, que aqui vou buscando estampar em palavras para posteriormente revelar em matéria artística. A única certeza que tive foi que ele, o céu, também estaria sobre minha família aqui no Brasil. Lembro-me de quando criança

meus pais mostravam-me o céu e falava: “se tiver estrelas é porque no dia seguinte o sol brilhará”. Aprendi isso olhando para o céu com outros olhares pensantes, olhares de meus pais e meu irmão. Qual a força poética deste céu? Destas lembranças?

Durante 5 anos que estive fora do Brasil, o céu, as nuvens, a lua, as estrelas, o sol se fazia como conexões entre eu e a família que deixei no Brasil. Como expressar artisticamente este sentimento vivenciado com tanta força que vai ecoando de dentro para fora e querendo estampar uma história que me constituiu/constitui quem sou? Eis o problema desta pesquisa, e me coloco a olhar para ele como quem olha para o céu e procura nele outros olhares que vão dando o tom desta escrita, olhares que me auxiliarão a fundamentar o percurso que faço como artista que estou sendo.

Minha caminhada até aqui não foi fácil, não sou mais uma menina, sou uma mulher, que aos poucos vou conquistando meu espaço na sociedade, me formei no ensino médio no ano de 2001, e só retornei aos estudos em 2014, confesso que minha caminhada pelo campus universitário não foi muito tranquila. Me sentia perdida, pois, agora teria que dar conta dos estudos, trabalho, casa e continuar criando estampas. Estar produzindo é o que nos move, muitas vezes lutava para que o dia tivesse mais algumas horas para poder desfrutar do meu espaço favorito: o “céu” e pousar nas nuvens para encontrar meu caminho de volta. Relembro aqui o tempo em que estive em Portugal, e sob aquela imensidão de estrelas poderia me conectar ao lugar que desejasse. A distância não era mais problema, a magia se fazia presente, escuridão da noite me fazia flutuar, em minha mente, viajava sem bagagens, nem fardos, apenas me fazia presente. Vivia, sentia emoções e sensações que só meu inconsciente pode revelar, e é tão gratificante essa sensação, posso fechar os olhos agora e sentir como se estivesse sentada nas nuvens desfrutando de cada sorriso que me fez feliz, de todas as cores que estamparam e estampa quem sou, quero transbordar em uma produção artística, trazendo referências de minhas memórias, cores, gostos.

1.1 O CAMINHO: QUESTÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA

Esse percurso que ecoa de dentro para fora, no sentido de significar as experiências vividas, se faz como caminho de pesquisa e se caracteriza como um percurso cartográfico uma vez que: "Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho. Esse é o caminho da pesquisa-intervenção."(PASSOS e BARROS,

2014, p. 31). Falo de laços e princípios familiares que tento manter vivo e me fazem querer compreendê-los melhor. São alimentos para esse percurso da pesquisa-intervenção que proponho, trazendo um caminho de muitos cuidados, buscando memórias que vão suscitando e ganhando forma de uma produção artística, tentando retirar pedras, rasgando céu em estampas, arte e vida.

Escrevendo, lembrando um percurso autobiográfico, que foi conduzido por anos por meus pais, vou descrevendo a caminhada, traçadas entre as experiências e oportunidades que a vida me proporcionou. Mas que caminho é este que tanto procuro? procuro algo que me preencha, me desperte, me faça questionar, libertar-me como artista. Nesta caminhada vou buscando referências com artistas para melhor compreender essa linha de pensamento. Encontro no artista Richard Long um pensar sobre o caminhar que me desperta, ele descreve o ato de caminhar como estrutura de todo o seu trabalho, o artista utiliza maneiras simples para explorar relacionamentos entre tempo, distância, geografia e meditação. Long se apropria de materiais da natureza na criação de suas obras, onde gera sua fonte de inspiração.

Assim como Richard Long traço minha caminhada buscando na natureza minha fonte de inspiração, e é no céu que encontro o estímulo necessário para minha caminhada. Meu caminhar será com as estrelas, buscando por materiais que estarão relacionados com o percurso desta caminhada. Fotos e objetos que contribuíram com lembranças e memórias a serem estampadas.

Lembro-me de dias agitados de inquietações onde tudo que procurava era um lugar, uma conexão que me acalmasse. Dentro desta conexão buscava uma linha de pensamento. Virgínia Kastrup (PASSOS *et al*, 2015) ao descrever sobre o funcionamento da atenção no trabalho da cartografia, faz referência à James como quem propõe o conceito de fluxo de pensamento. Para Kastrup “voos e pousos conferem um ritmo ao pensamento, e a atenção desempenha aí um papel essencial.” (KASTRUP, 2015, p.35).

E assim realizo meus pousos, sentando-me ao luar, observando as estrelas e o pensamento vagando por caminhos onde só a mente pode alcançar. Busco em minhas lembranças os céus de Lisboa e entrego-me totalmente, sem me dar conta busco por fotos, muitas histórias vivenciadas vem à mente, eis que ao virar uma das fotos (imagem 1) encontro um registro de anotação: “hoje o sol brilhou forte deve estar refletindo o brilho das mães”. Era dia 02 de maio de 2004, dia das mães em Portugal, essa imagem, essa experiência individual, me fazem ter a certeza que o céu que me

acompanha e que me encontra como artista, vem em resposta a seus encantos, as paixões refletidas.

Neste caminho, a experiência fala forte, pois, “Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão”. (BONDÍA, 2002, p.26)

Imagem 1: Fotografia da paisagem do cotidiano, 2017.



Fonte: Acervo da pesquisadora

O percurso metodológico me leva para um ir e vir, move histórias de experiência que marcou e marca quem sou enquanto evidencia uma realidade de muitos imigrantes, de olhares estrangeiros que no correr do dia-a-dia esquecemos de observar. E diante deste céu, em meio às turbulências do que vou buscando estímulos. Precisamos de estímulos? O que nos leva a enfrentar as dores dos desafios que a vida nos impõe? Trabalho minhas memórias, questão de identidade, assim como as lembranças que se fazem presente. Como falar desse céu e arte? De arte e memória? De vida e arte?

A presente pesquisa que tem como título: QUANDO O CÉU TE FALA FORTE: REFLEXÕES DE UMA ARTISTAS EM CONSTRUÇÃO, surge a partir de um relato autobiográfico. O que para Lejeune, é interrogar-se a si mesmo, uma vez que:

Interrogar-se sobre o sentido, os meios e o alcance de seu gesto, eis o primeiro ato da autobiografia: frequentemente o texto começa, não pelo ato de nascimento do autor (nasci no dia...) mas por um tipo de ato de nascimento do discurso, o “pacto autobiográfico”. Nisso, a autobiografia não inventa: as memórias começam ritualmente por um ato desse gênero: exposição da intenção, das circunstâncias nas quais se escreve, refutação de objetivos ou de críticas. [...] logo, a autobiografia

interroga a si mesma; ela inventa a sua problemática e a propõe ao leitor. Esse “comportamento” manifesto, essa interrogação sobre o que se faz, não cessam uma vez o pacto autobiográfico terminado: ao longo da obra, a presença explícita (por vezes mesmo indiscreta) do narrador permanece. É aqui que se distingue a narração autobiográfica das outras formas de narração em primeira pessoa: uma relação constante é estabelecida entre o passado e o presente, e a escritura é colocada em cena¹ (LEJEUNE, 1998a, p. 49).

Recorrendo às minhas lembranças, histórias vividas, um desafio a desdobrar-se, penso a materialização de uma produção artística, para tanto me tomam as lembranças e aplico nuances sobre o conceito que ecoam enquanto entrego-me ao que o tempo me permitir.

[...] o autobiógrafo deve executar esse projeto de uma sinceridade impossível, servindo-se de todos os instrumentos habituais da ficção. Ele deve crer que há uma diferença fundamental entre a autobiografia e a ficção, ainda que, na verdade, para dizer a verdade sobre si mesmo, ele empregue todos os procedimentos de seu tempo². (LEJEUNE, 1998a, p. 17)

Trata-se de uma pesquisa-intervenção que encontra no método cartográfico um percurso que inspira a visita em territórios que tem na memória a inspiração para um relato de si enquanto busca refletir sobre a arte e a vida. Faz-se enquanto um Trabalho de Conclusão de Curso que tem como linha de pesquisa processos e poéticas: linguagens que aborda concepções teóricas e processos de criação contemplando as linguagens artísticas, Arte, linguagem e contextos dos fenômenos visuais, conforme a resolução n. 38/2014/ COLEGIADO UNAHCE.

Foram 4 meses em que o encontro comigo mesma provocou reflexões que se materializou artisticamente na obra: FASES, a qual fundamenta-se no diálogo teórico com Virgínia Kastrup, Philippe Lejeune, entre outros, mas é no próximo subcapítulo que melhor revelo esse percurso.

1.2 CAPÍTULO POR CAPÍTULO: QUE HISTÓRIA É ESSA?

O começo? Tem começo? Existe começo? Aqui o início chama-se “Um

¹ “S’interroger sur le sens, les moyens, la portée de son geste, tel est le premier acte de l’autobiographie: souvent le texte commence, non point par l’acte de naissance de l’auteur (je suis né le...) mais par une sorte d’acte de naissance du discours, le “pacte autobiographique”. En cela, l’autobiographie n’invente pas: les mémoires commencent rituellement par un acte de ce genre: exposé d’intention, circonstances où l’on écrit, réfutation d’objectifs ou de critiques. [...] L’autobiographie s’interroge donc fatalement sur elle-même; elle invente sa problématique et la propose au lecteur. Cette “conduite” affichée, cette interrogation sur ce qu’on fait, ne cessent pas une fois le pacte autobiographique terminé: tout au long de l’œuvre, la présence explicite (parfois même indiscreta) du narrateur demeure. C’est là qui distingue le récit autobiographique des autres formes du récit à la première personne: une relation constante y est établie entre le passé et le présent, et l’écriture y est mise en scène” (LEJEUNE, 1998a, p. 49).

² l’autobiographe doit exécuter ce projet d’une impossible sincérité en se servant de tous les instruments habituels de la fiction. Il doit croire qu’il y a une différence fondamentale entre l’autobiographie et la fiction, même si en fait, pour dire la vérité sur lui-même, il emploie tous les procédés de son temps” (LEJEUNE, 1998a, p. 17)

Olhar para o Céu”. O que pontua como a introdução desta proposta, ou justificativa, para melhor me colocar. Nesta justificativa remeto-me à uma história autobiográfica para falar do um percurso poético como artista em formação. Evidencio assim, como subcapítulo as questões metodológicas a partir de Kastrup (2015) e Lejeune (1998). O que escrevo aqui chamo de “Capítulo por Capítulo” e nele vou mapeando o percurso que faço e indicando os autores com os quais dialogo.

O 2º capítulo é acompanhado por experiências vividas em sala de aula, tomando como proposta a pintura em campo expandido propondo diálogo com Krauss (1984) que nos falará sobre o conceito do tema.

Discurso sobre a história da estampa no 3º capítulo fazendo relação com a arte, abordando técnicas e seus processos na estamperia e escrevo sobre a estampa dentro da arte contemporânea, dialogando com Dinah Bueno Pezzolo (2007), Ricardo Bueno (2013), John Rajchman (2011), Nicolas Bourriaud (2009), Brian O’Doherty (2002).

Neste capítulo pontuam as produções artísticas de Mônica Nador e Sandra Cinto, nomeando-as no subtítulo “A Estampa e a Produção Artística Contemporâneas”.

Desenvolvo no 4º capítulo um pensamento ao qual dou ênfase ao título da pesquisa “Quando o céu te fala forte: Reflexões de uma artista em construção”. O capítulo apresenta questionamentos que vão suscitando enquanto artista em construção dialogando com Fayga Ostrower (1999). Complemento esse capítulo trazendo como subtítulo “Diante daquele céu”, nele faço referência a obra de Van Gogh, Noite Estrelada (1889), enquanto remeto-me a alguns de meus registros. Retomando às memórias, trago como referências Maurice Halbwachs (2006).

No 5º capítulo “Para além das técnicas estampo minha proposta artística” relato meu processo de criação da obra, estabelece uma relação entre estampa e arte.

Faço uso de material transparente revelando um pensamento que vai para além do visto, do que está posto, enquanto se deixa transparecer em seus relatos autobiográficos, evidenciando o céu na sua real imagem, no sentido de marcar um tempo e um lugar enquanto convite à novos diálogos, novos olhares, novas histórias e memórias. Na sequência, a conclusão. Trago uma síntese da pesquisa evidenciando meu olhar e experiências abordados a trajetória considerando o problema, enquanto uma interrogante que busca uma resposta, ou várias. A proposta desta escrita traz, no seu final, as referências que se fazem essenciais para a identificação e localização dos conceitos abordados em minha pesquisa.

2 PROCESSO POÉTICO: A PINTURA EM CAMPO EXPANDIDO

A pintura em campo expandido nos foi apresentada como uma proposta na disciplina de pintura, a ideia sugerida era utilizarmos o espaço da universidade para produção. Com uma aula bem estruturada, foi realizada um estudo para darmos introdução à matéria que trago para melhor compreensão do termo campo expandido ou campo ampliado. Krauss, traz um pouco dessas mudanças, enquanto escreve sobre essa ampliação dos termos culturais que se referem à diferentes categorias artísticas, para ela:

O processo crítico que acompanhou a arte americana de pós-guerra colaborou para com esse tipo de manipulação. Categorias como escultura e pintura foram moldadas, esticadas e torcidas por essa crítica, numa demonstração extraordinária de elasticidade, evidenciando como o significado de um termo cultural pode ser ampliado a ponto de incluir quase tudo. (KRAUSS, 1984, p.129)

Retomo à aula, e entre um corredor e outro eis que um me desperta o olhar, primeiro por sua localização que dava acesso aos fluxos de pessoas que se utilizavam do terminal de ônibus, passando pela biblioteca e dando acesso a outros corredores. O corredor era revestido de pedras cujo estrutura tinha ranhuras em forma de círculos, me apropriei de seu designer e apliquei entre as ranhuras pigmentos em pó verde. Eis que narro um processo poético que vivenciei em uma disciplina em que a pintura em campo expandido se fez presente.

Pisos de concreto



Pó verde



O processo foi acontecendo e sem que eu pudesse dar conta o envolvimento do fazer preenchia e quando o processo ia tomando forma. Aquela produção me abraçava. Pude perceber que a proposta foi tomando uma direção que me levava mais uma vez de encontro a estampas, me apropriando daquelas formas geográficas, e estampando os corredores da universidade. O alcance tanto da obra (imagem 2), espectador quanto a artista costurava numa tática a fim de atingir posições de questionamentos, e assim a obra foi se absorvendo e obtendo seu conceito.

Imagem 2: Aula de pintura em campo expandido – UNESC



Fonte: acervo da pesquisadora

A pintura em campo expandido foi um trabalho onde conseguimos obter uma intervenção na universidade que foi nítida a percepção de alunos de outras disciplinas, houve vários questionamentos por parte deles, uma certa curiosidade mesmo que involuntário. Krauss (1984) fala dessa desta mudança do espaço físico que estamos acostumados a apreciar.

No entanto, qualquer que seja o meio de expressão empregado, a possibilidade explorada nesta categoria é um processo de mapeamento das características axiomáticas da experiência arquitetural — as condições abstratas de abertura e clousura — na realidade de um espaço dado. (KRAUSS, 1984, p.136)

A realização desta proposta é muito intrigante e ao mesmo tempo curiosa. A obra está condicionada agora aos olhares do espectador, ela só se completa quando atinge o seu objetivo, mas será que tem um objetivo? Nesta proposta de campo expandido pude sentir e ver com os olhos do artista em busca de respostas ou perguntas que provoca tanto o espectador, quanto ao próprio artista, que me fizeram dar mais um passo na certeza e inquietudes da arte. Esse fascínio que a arte te condiciona, sim, ela te condiciona na busca, te ensina e fascina, te liberta e te prende, sensações que só se pode atingir se entregando a vida e a arte, como algo movente, transgressor.

E passo a passo, a cada nova proposta vou estampando minha caminhada pela arte, e em busca desta caminhada trago no próximo capítulo conceitos que falaram sobre a estampa.

3 A HISTÓRIA DA ESTAMPA E SUA RELAÇÃO COM A ARTE

Porque falar de estampa? Como já escrevi anteriormente sou designer de estampa e a princípio é desse lugar que escrevo, somando ao lugar de acadêmica do Curso de Artes Visuais Unesc. Você já imaginou um mundo sem estampas? Paramos para imaginar tudo o que nos rodeia, quase que impossível não associar a estampa. Adentramos sua história citando os primórdios, a técnica de pintar o corpo é entendida como um dos passos para a estamparia.

A estampa se caracteriza como uma forma de expressão da própria humanidade, seguindo seus conceitos, se adequando e se enraizando conforme seus costumes dentro da sociedade, seguindo essa linha de pensamento, a estampa irá caminhar junto com o homem. É o que defende Pezzolo, pois:

Muito antes de surgirem os tecidos, os homens já pintavam seus corpos com pigmentos minerais este, foi o primeiro adorno pessoal. Além de realçar a beleza, essa pintura servia para distinguir a classe social e lhes assegurava proteção mágica. Para executá-las, valiam-se dos dedos, de palitos ou de espátulas. Do corpo, a pintura passou para o couro e, depois para os tecidos. (2007, p. 183).

Devido a variação de temperatura, as necessidades das vestimentas foram criadas. Com elas a necessidades de utensílios que auxiliaram no processo de estampa, assim surge a madeira como ferramenta. Esse processo de estamparia surge na China conhecido como a técnica *Block Printing*³ porém foi na Índia que ganhou seu prestígio, dando início ao processo de estamparia em série. É o que afirma Bueno, quando diz que: “O processo de estamparia em série, o qual teve origem na Índia, e a partir de então os tecidos passaram a serem exportados para a Europa, por volta do século XV. (2013, p.9).

³ Técnica Block Printing é Block Printing é uma técnica muito antiga de impressão, utilizada até os dias atuais na Índia. Os desenhos são esculpidos em blocos de madeira e carimbados com tinta sobre o tecido. Disponível em <http://blog.puffsdealessa.com.br/block-printing-voce-conhece-essa-tecnica/> acesso dia 15/04/2018.

Na imagem 3, podemos perceber os detalhes cuidadosamente criado, esculpido pelas mãos de artesãos, um trabalho milenar, o estilo e os motivos das impressões são inspirados nos símbolos da cultura que preserva seus valores, apresentando também em seus desenhos formas geométricas, o trabalho é manual.

Suas habilidades vão sobressaindo a cada nova estampa. A imagem é muito bem apresentada pelo blog da Alessa, este blog busca trazer ao público conceitos e tendências do que é discutido atualmente deixando seu leitor bem informado, e o mais interessante é que realmente ela se preocupa com a história que está por trás daquele assunto, evidenciando, no caso da estampa, esse processo manual que é algo cada vez mais raro, pois a industrialização toma conta no mundo, num processo de comercialização.

Imagem 3: Blog da Alessa.



Fonte: (blogdaalessa, 2015).

A produção ganha um novo sentido, agora a estampa ganha um novo conceito passando a compreendê-las, pela grande maioria, como comercial voltado para moda. Como esse conceito se apresenta? Ricardo Bueno (2013) quem nos conta um pouco da história desta estampa, para ele

[...] o desenvolvimento efetivo da estamparia deu-se a partir de 1920. Mas foi com a chegada dos anos 1960 e de todo o espírito de contestação da época que a estampa começou a exercer papel importante na diferenciação e na construção de marcas com estilo na moda. (2013, p. 10)

Dentre suas histórias a estamparia traz técnicas de processos que vão evoluindo conforme a necessidade do mercado. Remeto-me à algumas técnicas

citadas por Ricardo Bueno (2013), dentre elas Bueno subdivide em três grupos dentro do processo produtivo, e são consideradas princípios fundamentais da impressão têxtil. O trabalho manual traz o estêncil em seu conceito é:

Técnica muito antiga, identificada em fragmentos de vestes dos fenícios. Tem por base a execução de “moldes vazados”. Com a utilização de diferentes tipos de materiais, como papéis e plásticos em geral, as lâminas são recortadas, e as áreas que se pretende colorir, vazadas. Para cada lâmina corresponde uma cor, as quais, sobrepostas umas às outras, formam os desenhos por completo. (BUENO, 2013, p. 10)

A arte tem feito uso desta técnica em diferentes momentos, mas é no grafite que ele vai se evidenciar com mais força.

O estilo de cada artista é desenvolvido sem nenhuma restrição, com a utilização de stickers (etiquetas), pôsteres, estênceis, aerógrafos, pastéis oleosos, todas as variedades de tinta e até mesmo de esculturas. (GANZ, 2008, p. 7).

O segundo conceito que Ricardo Bueno (2013) nos apresenta na impressão têxtil, é a mecanizada, trazendo a serigrafia como exemplo e nos falando um pouco sobre seu conceito:

Alguns dizem que sua origem está na estampilha (estêncil), mas a técnica só foi desenvolvida nos Estados Unidos na década de 1920. Consiste na execução de um quadro no qual se estira uma gaze muito fina. (BUENO, 2013, p. 11).

Pela definição do autor, faço relação com o que vivenciamos no ateliê de serigrafia com a professora/artista Angélica Neumaier. Os espaços dos ateliês se fazem como um laboratório para experimentarmos nossas possibilidades artísticas, vamos colocando em prática toda a teoria e vivenciando artisticamente diferentes aprendizados.

Imagem 4: Ateliê de serigrafia – Unesc.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Esta imagem é uma de muitas que realizei durante meu percurso pelo Curso de Artes Visuais em ateliês e que se faz muito forte na minha construção como artistas, transitando por várias linguagens da arte.

Imagem 5: camiseta serigrafada.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Em um terceiro conceito, Bueno (2013), traz sobre a impressão digital, marcando um grande passo na indústria têxtil.

É uma técnica relativamente recente, cujo princípio baseia-se na eliminação das matrizes de impressão. Apesar da tecnologia de impressão digital ter sido apresentada publicamente ainda na década de

1990, foi apenas no século XXI que seu uso se estendeu e sua produção começou a ser ampliada. (BUENO, 2013, p. 12).

Sobre essas questões técnicas, falando de arte, comungo com um dizer que o artista faz uso do recurso de seu tempo, como nos coloca Arlindo Machado (2008), para ele:

Se toda arte é feita com meios de seu tempo, as artes midiáticas representam a expressão mais avançada da criação artística atual e aquela que melhor exprime sensibilidades e saberes do homem do início do terceiro milênio. (2008, p. 10)

Essas técnicas que foram apresentadas numa linha de produção na área têxtil, são conceitos que ganham umas novas linguagens compartilhadas com a arte. O seu fazer nas artes, a sua criação vai dando sentido à produção do artista, ganhando uma nova proposta. Traz para arte contemporânea esse estímulo de experimentar de romper com as tradições, o artista está se reinventando e imaginando dentro dos diferentes recursos que a vida lhe oferece. O que para Rajchman, “a arte contemporânea é uma arte que já não se baseia no grande ato de Negação com que Adorno sonhava, mas, pelo contrário, se baseia na afirmação de possibilidades ou “virtualidades”. (2011, p. 97).

Vamos estreitando a relação entre estampa e arte, como um desafio. Os recursos tecnológicos nos permitem perceber uma ligação possível. Mas o que seria a arte contemporânea, se não a relação pensante e cada vez mais próxima com a vida? Para Cocchiarale (2006, p. 11) “a maioria diz não a entender, por achá-la estranha àquilo que consideram arte. Outros, ainda que com conhecimento de causa, seja por conservadorismo, seja por preferirem a arte clássica ou por sua fidelidade teórica (paixão na verdade) à arte moderna”.

A estampa na arte contemporânea vai ganhando muros e paredes com o grafite. Há um abandono muitas vezes do pincel, da tela, e é apresentada dentro de galerias pelas instalações e arte mídia. Um extenso leque de estilos, perspectivas e técnicas compõem a arte contemporânea, que pode ser manifestada seja através da pintura, como da dança, música, teatro, escultura, literatura, etc.

O pedestal desmoronou, deixando o espectador mergulhado num espaço de parede a parede. Assim a moldura sumiu, o espaço se espalhou pela parede, gerando turbulência nos cantos. A colagem desprende-se do quadro e se acomodou no chão com a naturalidade de um pedinte. O novo deus, espaço amplo, homogêneo, fluiu

facilmente por todos os lados da galeria. Todos os empecilhos foram removidos, exceto a “arte”. (O'DOHERTY, 2002, p. 101).

A arte nos possibilita interagir com ela dia-a-dia, que se faz tão presente no nosso cotidiano, nas ruas, praças, nos locais de trabalho, se pararmos para apreciar são questionamentos tanto pessoais quanto sociais, é desta forma que a arte contemporânea se faz presente, conforme explica Bourriaud (2009, p. 57): “uma boa obra de arte sempre pretende mais do que sua mera presença no espaço: ela se abre ao diálogo, à discussão”.

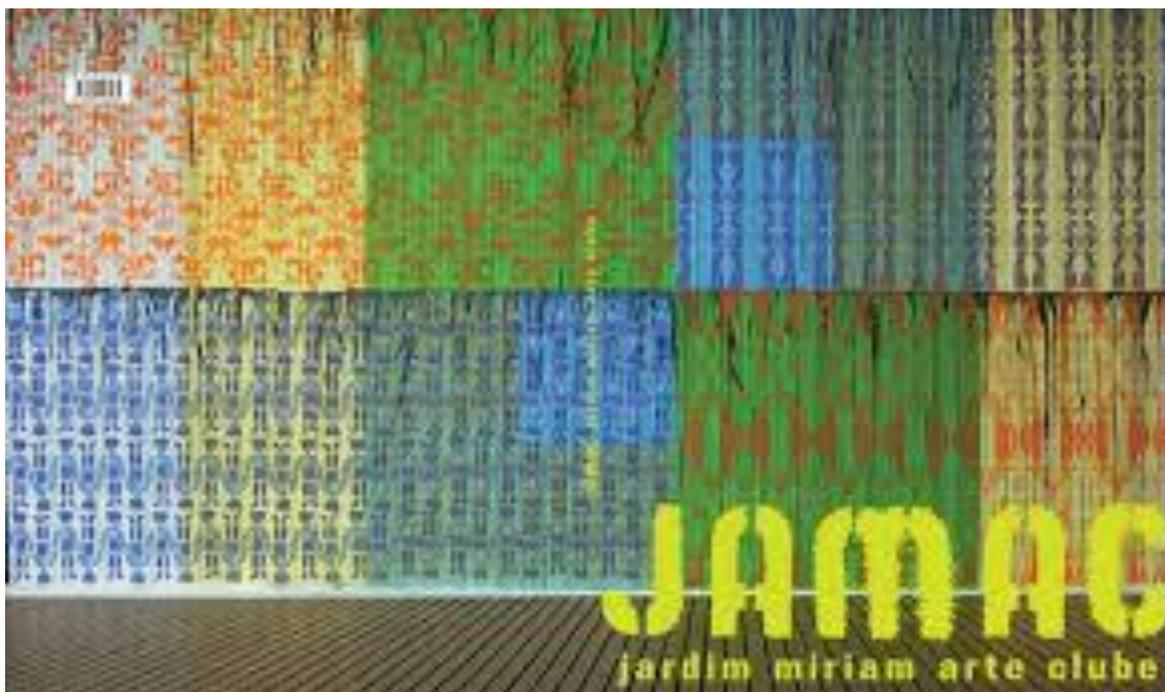
Para compreender melhor como é estampada essa arte irei trazer alguns artistas contemporâneos que trazem como proposta esse olhar na arte da estampa. Faço aqui um jogo de palavras em que cada palavra estampada pode ter significados diferentes que no próximo subcapítulo busco provocar essa aproximação entre estampa e arte.

3.1 A ESTAMPA E AS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS

Esse olhar que estampa uma sociedade através da técnica do estêncil é apresentada pela artista contemporânea Mônica Nador em seu projeto “Paredes Pinturas”, sua proposta é pintar fachadas e parede das comunidades com temas decorativos proposto pelos próprios moradores. O livro Jamac descreve um pouco sobre a proposta de Mônica Nador, onde Thais Assunção (2013) nos fala um pouco sobre a ideia sobre a estampa no projeto: “o projeto da Estamparia iniciou-se no Vila Rhodia Arte Clube. Projeto de Mônica Nador, em 1999 – uma primeira tentativa de fundar um local coletivo para capacitação de pessoas na técnica do estêncil – com objetivo de gerar trabalho e renda para a comunidade”.

A Estamparia está diretamente ligada às oficinas de estêncil: os desenhos criados ali são transpostos para os tecidos que serão comercializados para confecções de moda e outros possíveis clientes, difundindo os desenhos realizados na comunidade. (ASSUNÇÃO, 2012, p.27).

Imagem 6: Livro Jamac.



Fonte: (jamacarte, 2013).

No trabalho desta artista, a participação da comunidade é um eixo de uma ação social, política e artística, essa proposta tira a comunidade da zona de conforto, transformando não somente as paredes de uma comunidade, mas a forma de enxergar essa comunidade, olhos que despertam desde a criação, contemplando sua cultura, suas histórias e as transformando em algo material. A arte tem esse poder de realizar, transformar, estabelecer contato, comunicar, mover pensamentos. Se a arte provoca essa ação comunicativa, ela encontra seu sentido e cria essa interação espectador mais obra. Umberto Eco (2005) falará sobre troca de experiências que o artista propõe para o apreciador da obra sem mesmo precisar colocar em palavras apenas deixa a obra conversar, assim havendo uma livre conduta de interação:

A obra em movimento, em suma, é possibilidade de uma multiplicidade de intervenções pessoais, mas não é um convite amorfo a intervenção indiscriminada: é o convite não necessário nem unívoco à intervenção orientada, a nos inserirmos livremente num mundo que, contudo, é sempre aquele desejado pelo autor. (2005, p. 62).

Mônica Nador traz em seus projetos questões relacionadas a comunidade, sua proposta é descobrir a arte dentro da comunidade. A artista faz provocações e questionamentos, fazendo com que cada um reflita e se pergunte: está é minha maneira de trazer arte? esses símbolos que trago é o que quero que me represente?

questionamentos esses que irão adentrar despertando e fazendo compreender melhor o que a arte contemporânea nos apresenta hoje.

A artista Sandra Cinto que também irá falar sobre esse encontrar com a artes, porém de uma forma mais pessoal, ela fala desse encontro consigo mesmo. Cinto busca em seus trabalhos elementos que vão suscitando suas lembranças, suas histórias, dentre elas, ela vai buscar nas nuvens, no céu as cores para sua expressão sua construção como artista. Encontro em Miguel Chaia (2006), esse descrever sobre as escolhas das cores de Sandra Cinto, para ele “Cinto cria telas amplas, em azuis e brancos, representando pictoricamente acontecimentos celestes que levavam o olhar a rodar circularmente a pintura ou então, numa tentativa de alcançar as nuvens e trazê-las para perto”. A força poética encontrada nos trabalhos de Sandra Cinto, foi o que mais me encantou, consegui sentir em Sandra Cinto uma sintonia e emoção com minha caminhada em busca do meu encontro.

Imagem 7: Catálogo da Exposição Acaso e Necessidade.



Sem Títulos (da Série Acaso e Necessidade). 2015/16

Pigmento de Nanquim sobre papel washi - 76 x 110cm

Fonte: https://www.casatriangulo.com/media/pdf/sandra_cinto_preview_CT2016_high_1.pdf

Imagem 8: Catálogo da Exposição Acaso e Necessidade.



Sem Título (da Série Acaso e Necessidade) - 2015/16

Pigmento de Nanquim sobre papel washi - 76 x 110cm

Fonte: https://www.casatriangulo.com/media/pdf/sandra_cinto_preview_CT2016_high_1.pdf

Imagem 9: Catálogo da Exposição Acaso e Necessidade.



Fonte: https://www.casatriangulo.com/media/pdf/sandra_cinto_preview_CT2016_high_1.pdf

Conforme a artista caminha e vai se descobrindo através dos elementos da natureza, Miguel Chaia (2008, p.4) descreve a vontade de Sandra Cinto de fazer arte, de viver, “quando efetivamente a artista busca outras possibilidades para estabelecer ligações, as mais diversas, nos campos da vida e da arte, mostrando suas metáforas

construídas pelas imagens de lâmpadas acesas, focos de luzes, escadas ou pontes”.

Essa obra é um convite ao repouso, os tons de azul nos transmite uma paz, consigo perceber através dessas obras, como vou construindo uma linha de pensamento, quando busco no céu a inspiração para me construir como artista. É como se pousasse em meu céu, transparecendo as memórias, lembranças vividas.

4 QUANDO O CÉU TE FALA FORTE: REFLEXÕES DE UMA ARTISTAS EM CONSTRUÇÃO

Este é um título que me faz questionar quanto a minha construção enquanto artista, essa criação vai caminhando através dos questionamentos que vão surgindo ao longo do percurso da pesquisa e da vida. As dificuldades que nos são confrontadas, seguido de prazeres e encantamentos, que serviram de degraus, vai me fazendo artista, pois segundo Salles (2009, p.90) “a obra vai, assim, se desenvolvendo nesse ambiente emocionalmente tenso, em meio a prazeres e desprazeres, flexibilidade e resistência”.

Dentre esses degraus que auxiliam na minha construção como artista, retomo como referência a artista Mônica Nador, seu projeto “paredes Pintadas”, me serviram como base para dar início ao projeto de estágio do Curso de Artes Visuais e levar para minha comunidade um pouco de arte. A proposta foi criada em conjunto com minha colega Paloma Marques, pensando em um local que pudéssemos desenvolver nosso trabalho. A ideia surge para acolher uma oficina de arte, além de fazer um

trabalho social, e pensar nessa construção como artista, levando assim a arte para as crianças da Associação Beneficente Nossa Casa, localizada em Criciúma – S.C.

[...] quanto mais olhamos, menos certeza podemos ter quanto àquilo que, afinal, permite que as obras sejam qualificadas como “arte”, pelo menos de um ponto de vista tradicional. Por um lado, não parece haver mais nenhum material particular que desfrute do privilégio de ser imediatamente reconhecível como material de arte: a arte recente tem utilizado não apenas tinta, metal, pedra, mas também ar, luz, som, palavras, pessoas, comida e muitas outras coisas. (ARCHER, 2001, IX).

A proposta foi trabalhar a linguagem da expressão através do desenho. A necessidade de atenção e concentração dessas crianças foram um dos nossos obstáculos, trabalhar esse foco para a proposta, para despertar mais essa atenção, trabalhamos com grupos pequenos de três crianças, revezando-as a cada encontro assim que seu desenho se finalizava. Utilizamos também da música como meio para interagir com essas crianças e adolescentes do lar Nossa Casa.

Imagem 10: Projeto de Estágio.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

E a interação e dedicação dessas crianças e adolescente foram crescendo juntamente com o projeto, abrindo portas para que eles ganhassem o olhar de outras pessoas e assim nos questionamos: até onde poderíamos levar esse projeto? Em que dimensão essa proposta, essa arte pode nos levar? Levamos a proposta de realizar uma exposição com esses trabalhos, aos conhecimentos do shopping Della Giustina, e este trabalho foi acolhido e ganhou um espaço muito especial dentro de suas dependências.

E assim começamos a trabalhar na criação de uma exposição nos beneficiamos de mais uma disciplina oferecida pelo curso que dá um suporte como artista/curadora em construção. Partimos da escolha de um tema “Expressão do Eu” e demos continuidade ao desenvolvimento do texto curatorial.

Imagem 11: Texto Curatorial da Exposição “Expressão do Eu”.



A exposição EXPRESSÃO DO EU é um projeto de estágio ministrado pelas acadêmicas do curso de Artes Visuais da Universidade do Extrema Sul Catarinense - UNESC, Oniela Machado, Paloma Marques em parceria com a acadêmica Camila Venzon supervisionado pela professora mestre Katiúscia Oliveira. Essa exposição vem mostrar as produções artísticas das crianças e adolescentes do lar NOSSA CASA, desenvolvendo dentro de cada criança e adolescente uma magia através da expressão de seus sentimentos e as possibilidades que as tintas e o lápis de cor lhes proporcionam.

Trabalhando a linguagem da expressão através do desenho, tendo como base a linha de pensamento do expressionismo, desenvolvemos com as crianças e adolescentes do lar Nossa Casa, uma obra de forma livre, referenciando o movimento expressionista.

O Expressionismo é a arte do instinto, trata-se de uma pintura dramática, subjetiva, “expressando” sentimentos humanos. Utilizando cores irreais, dá forma plástica ao amor, ao ciúme, ao medo, à solidão. Deforma-se a figura, para ressaltar o sentimento. Predominância dos valores emocionais sobre os intelectuais

Com essa proposta convidamos a todos para apreciar as produções artísticas das crianças e adolescente do lar NOSSA CASA.



artesanais
bacharelado - licenciatura

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Trabalhamos também na elaboração dos convites, reforçando assim nosso interesse para que a comunidade pudesse conhecer a exposição. O desenho escolhido para a capa desta exposição é um dos trabalhos das Crianças e Adolescentes do lar.

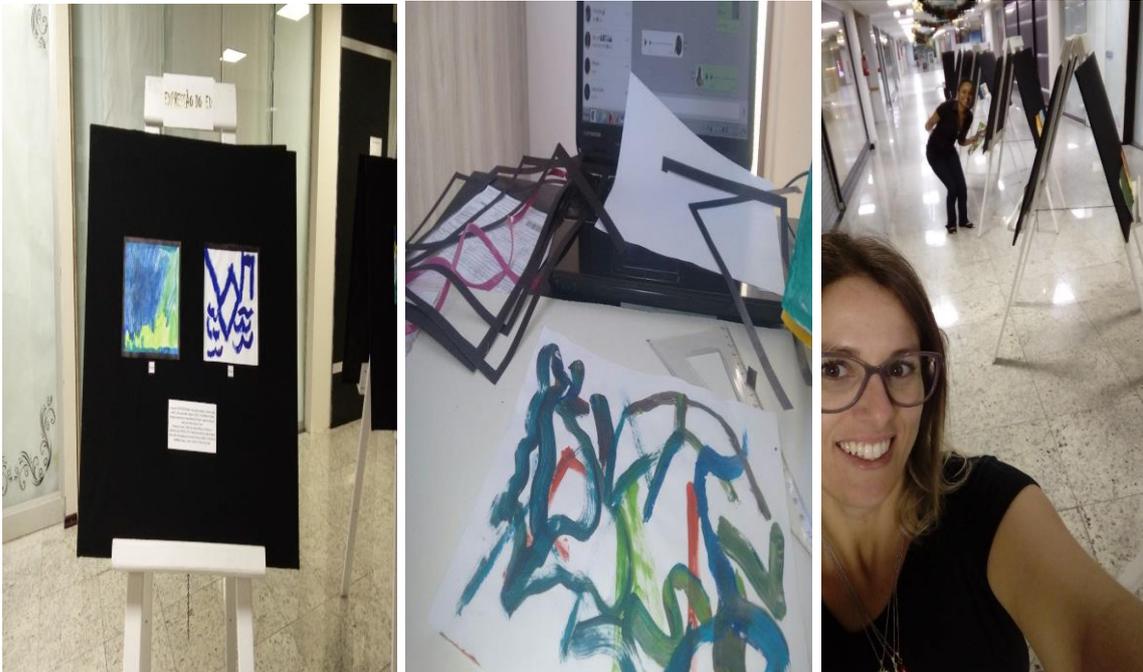
Imagem 12: Convite para a exposição “Expressão do Eu”.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Seguimos com a montagem da exposição, trabalhamos a exposição dos desenhos seguidos apenas pelas idades.

Imagem 13: Montagem da exposição “Expressão do Eu”



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Imagem 14: Exposição “Expressão do Eu”.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

E assim o percurso que traço vai criando em mim uma identidade, vou

construindo minha identidade como artista, meu conhecimento vai se ampliando e se fazendo presente como percepções da realidade através de decisões conscientes ou inconscientes, neste processo de materialização de uma produção artística, na idealização de uma exposição, na ascensão de uma pesquisadora, buscando através no céu provoca pensamentos autos e de outros.

A fonte de criatividade artística, assim como de qualquer experiência criativa, é o próprio viver. Todos os conteúdos expressivos na arte, quer sejam de obras figurativas ou abstratas, são conteúdos essencialmente vivenciais e existenciais. (OSTROWER, 1999, p. 7).

Dentro desta artista em construção que me coloco, apresento minha obra de Conclusão do Curso de Artes Visuais, agora como registro gráfico, mas que não se desloca desta escrita que me auxilia enquanto um alimento.

4.1 DIANTE DAQUELE CÉU

Que céu é este? O céu que me encontrou longe casa. Tomando esse céu como minha casa, e percorrendo o caminho das estrelas buscando seu brilho, pousando nas nuvens em busca de respostas, entre uma chuva e outra tentam lavar suas almas. Percorro alguns caminhos para encontrar-me, para materializar experiências vivenciadas em um tempo que me constrói enquanto artista em construção que sou. Lembro da obra

Noite Estrelada de Van Gogh, a qual retrata a vista da janela de um quarto do hospício de Saint-Rémy-de-Provence, aquela obra me fala muito intimamente, é como se tivéssemos o paraíso em nossas mãos, mas apenas os olhos pudessem alcançar.

Imagem 15: A Noite Estrelada de Van Gogh.



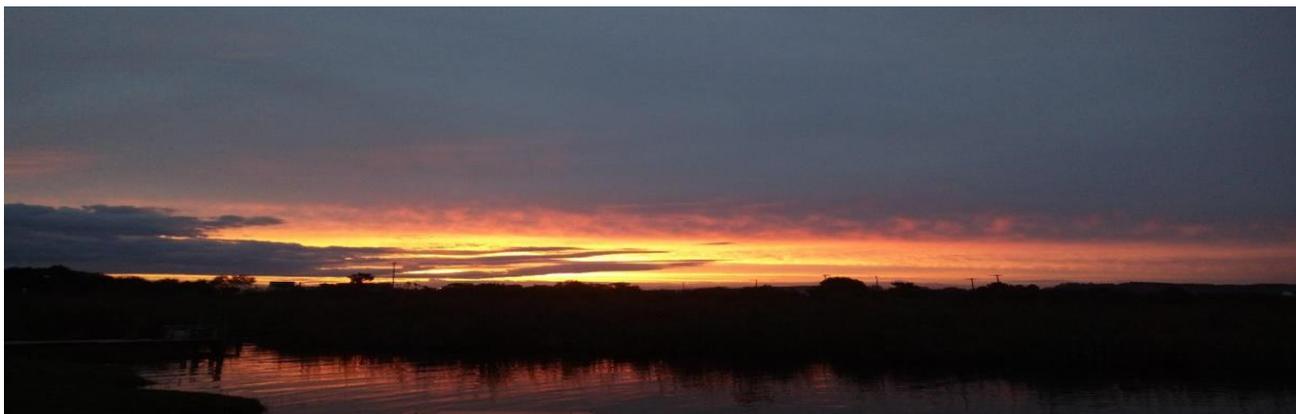
Fonte: (Van Gogh, 1889).

Reproduzir algo como a natureza com tanta emoção que ela nos remete, nos soam quase que impossível. Nesta obra, Van Gogh trouxe o que é de mais “belo”, sinto em suas pinceladas em espiral a sensação de movimento, todavia, me remeto a dizer, porque não, a brisa do luar, sensação de conforto, que abraça.

E diante desta obra, recorro a meus arquivos e em meios a tantas recordações, uma foto se faz muito forte neste presente momento, me traz muitas lembranças dos amigos. Esta foto foi registrada durante a disciplina de cinema, era final do dia estávamos cansados, apesar do dia ser muito produtivo ainda tínhamos a noite toda para gravar e ao sentar para um papo entre amigos, lembro-me de ficarmos extasiados diante daquele céu, o silêncio tomou conta de todos, cada um com seu pensamento sua memória. E diante daquele céu, mesmo em pensamentos ímpar, nós conseguimos compartilhar sensações. O lago que ali refletia o céu era como espelho de nossas lembranças, os tons de vermelho no céu é como se rasgasse toda aquela exaustão do dia, e a brisa do dia nos acalentava. E as vibrações que sentimos foram tão positivas, a ponto de recarregar todas as energias.

E sobre uma conversa e outra, diante daquele céu como testemunha, em meios as confissões depositadas naquele momento, uma delas, foram agradecer o presente que o curso nos deu de fazermos amigos na certeza que serão guardados pelos próximos anos em nossas lembranças. Toda vez que olharmos para aquele céu sabemos que nossos amigos estarão lá, talvez aqui uma metáfora do que vivenciei em Portugal. Do momento em que com o olhar estrangeiro criava desejos de pertencimento a partir de um céu que não me prendia naquele lugar, enquanto permitia que eu pudesse me sentir em casa.

Imagem 16: Fotografia da paisagem do cotidiano, 2017.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O presente caminho pela memória provoca lembranças de temporalidades diferentes, não lineares. A memória traz à lembrança de momentos vividos sejam eles positivos ou negativos, lembranças que de alguma forma marcaram. Maurice Halbwachs, descreve a lembrança como: “Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente.” (HALBWACHS, 2006, p. 29).

Essa experiência que relatei na foto anterior são memórias vividas, os estudos propostos por Halbwachs nos auxilia, no entendimento sobre memórias. Para ele, ao escrever sobre a memória coletiva, diz que: “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembrados por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Mesmo assim nossa memória individual não deixa de existir, porque dentro daquele contexto há uma particularidade que é individual, pois, “na base de qualquer lembrança haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual” (HALBWACHS, 2006, p. 42).

Mas, como trabalhar a poética desse céu? Trabalho a poética destes “céus”, reciclando memórias individuais e coletivas que vão adentrando por caminhos vivenciados enquanto assumo meu papel de filha, irmã, esposa, amiga, acadêmica/pesquisadora/artista.

4.2. FASES: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Tempo? Datas? Memórias? Experiências? São “FASES”, que locam e se deslocam, na busca de uma construção ou devemos chamar uma desconstrução?

Minha pesquisa se constrói através das “FASES” da minha vida vivenciada por memórias e presenciadas pelo céu.

[...] afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos. Além dos fatos que alimentamos, a nossa riqueza são os pensamentos que pensamos, as ações que cumprimos, as lembranças que conservamos e não deixamos apagar e das quais somos o único guardião. (BOBBIO, 1997, p.30)

Busco algo que me impulsiona na construção desta artista, me revelando como sonhadora deste céu, trago elementos que estampam e revelem este céu de histórias.

Toda obra tem um significado contido em si, este pode ser óbvio ou estar submerso sob as várias possibilidades de interpretação da obra, cabendo ao artista defini-lo e ao espectador desvendá-lo. Mas, é possível também, principalmente nas obras contemporâneas o espectador dar um significado a obra [...]. (SILVA, in: ARANHA e CANTON, 2012, p.332).

Procurei por elementos que me representasse em algo que remetesse a transparência assim como me faço presente neste trabalho, transparecendo minhas memórias numa pesquisa autobiográfica. O primeiro elemento que busquei trabalhar foi com o vidro, a proposta inicial era fazer uma instalação com o vidro e trabalhar o estêncil sobre ele. O primeiro obstáculo seria como colocar eles suspensos na galeria, depois me deparei com o custo elevado do vidro, então fui para o tecido onde encontro um domínio maior devido meu manuseio diariamente. Porém, o tecido me deixou muito acomodada, por se tratar de um material já bastante explorado no meu dia-a-dia, e a transparência que tanto buscava não tive sucesso, comecei minha pesquisa por gráficas pelo material e foi no acetato que encontrei essa transparência. O acetato é um material prático de trabalhar que me deu o suporte pela sua espessura, dando essa firmeza e sustento para a obra, Apesar de não ser totalmente transparente, vou resgatando no céu a cor para estampar as entrelinhas da minha memória, se reproduzindo em “FASES” de uma história que se reflete nesta materialização artística.

Material para a construção da obra:

Acetato



Imagem 17

Fonte: acervo da pesquisadora

Imagem do céu

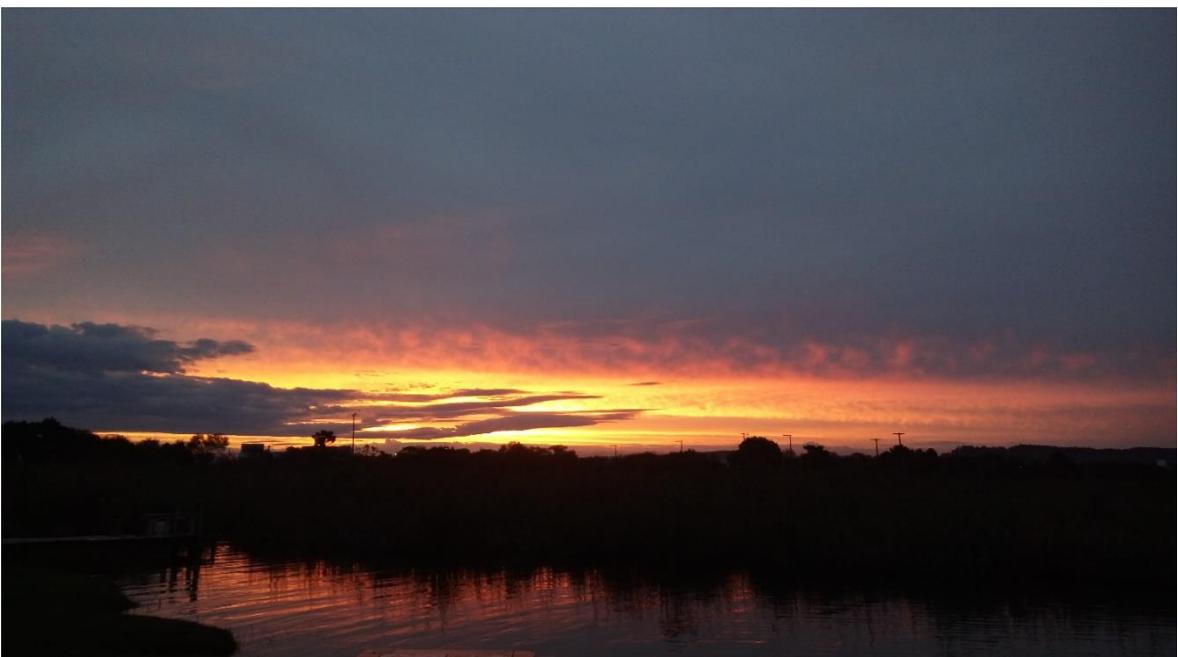


Imagem 18

Fonte: acervo da pesquisadora

Diante desta imagem escolhida para representar o céu vou reproduzindo essas imagens e estampando no acetato dando assim continuidade as “FASES” da minha história.

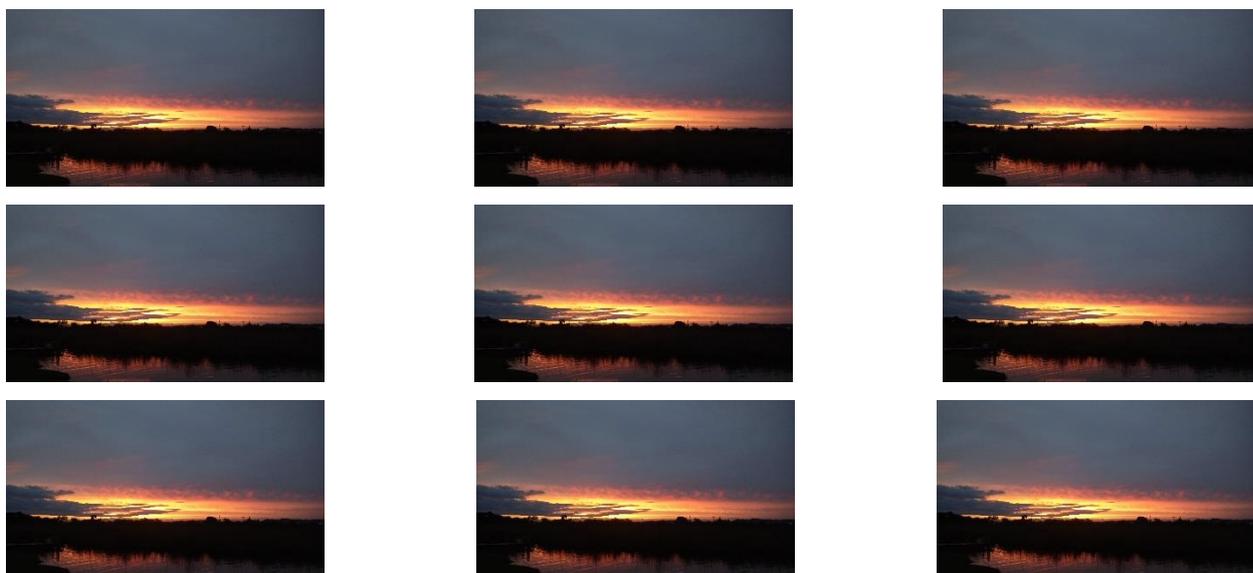


Imagem 19: Fases

Fonte: acervo da autora

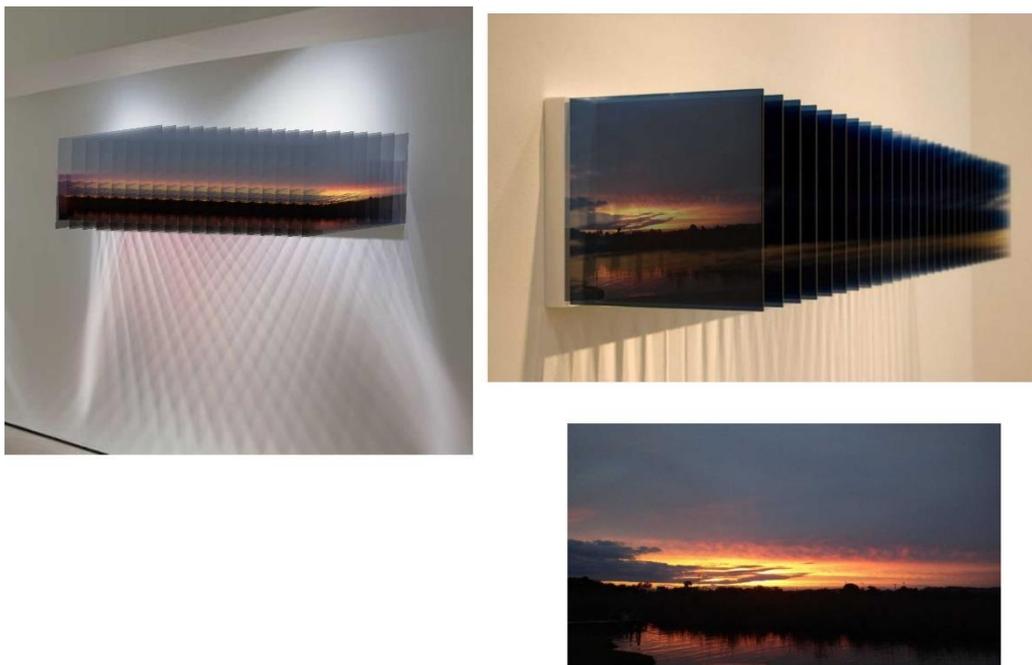


Imagem 20: Exposição

Fonte: acervo da autora

A necessidade de estampar o céu na maneira de pensar o outro, de repensar a proposta conduzida nesta pesquisa reflete o céu repetido por intervalos “fases” que iram se reproduzindo dando sequência a pensamentos estampados de minhas lembranças.

5 CONCLUSÃO

Quando comecei está escrita, sentia uma enorme vontade de expressar meus olhares através do céu, mas como iria descrever aquele céu de sensações e sentimentos que me acompanha em minha caminhada. Como despertar essa artista? Como transferir essa história em obra final? Comecei a pesquisa escrevendo como se escrevesse um diário, pontuando elementos que me despertavam como artista, que me

acompanhavam. Busquei referências para conceituar meus pensamentos. Trago experiências que tive em épocas distintas, onde meus familiares e amigos se faziam muito forte em minhas lembranças. Meu relato autobiográfico proporcionou um reencontrar com essa acadêmica/pesquisadora/artista. Fui traçando caminhos entre artistas como Van Gogh que se apropriaram deste céu para expressar sua mais íntima obra de arte, me perdi em obras de Sandra Cinto.

A cartografia apresentada como metodologia de pesquisa, foi algo novo. Algo que me deixou mais livre para percorrer lugares de memórias, experiências em sala de aula e vivências familiares e com meus amigos que foram sendo provocadas no percurso que escolhi. Este percurso autobiográfico, somado a uma ideia de mapas cartográficos, foi como um exercício de quem busca experimentar novas maneiras de escrita. Posso avaliar que, apesar de me colocar como uma pesquisadora da cartografia, coloco-me como uma aprendiz. Enquanto aprendo a fazer pesquisa, faço-a. Enquanto faço o exercício de fazer mapas, encontrar caminhos para a pesquisa, cartografo desejos, que na sua trajetória ainda percorre um caminho tradicional de pesquisa. Um caminho que tem receita ainda em arriscar mais, ampliar mais, sai da rota e se perder. Mas valeu a experiência, a qual posso dizer que foi me tomando por inteira. Que de início foi bastante difícil. Custei a encontrar segurança. Surtei, quase que literalmente falando. Fazer pesquisa não é fácil. Falar de nós mesmos é mais difícil ainda, me pareceu. Trouxe lembranças que estavam bem guardadas, coisas que foram mexidas e remexidas levemente.

Vou dando ênfase no meu dia-a-dia como uma estampa de algo que se faz tão presente, enquanto falo de um percurso de vida, de arte. Trago meus desdobramentos na história e busco relacioná-los com a arte, trazendo artistas como Mônica Nador que traz em seus trabalhos a estampa. E vou mapeando entre experiências, memórias e conceitos, transbordando esse céu em arte. Ao chegar na conclusão, não concluo, viajo e percebo o quanto podemos fazer, evidenciar, sonhar, produzir. Registro aqui meu desejo de materializar artisticamente mais e mais sensações de vida como esta experiência que me provocou, me provoca, me encanta, enquanto me permite ser está artista em construção.

Me encontro mais leve, sinto que consegui transparecer e rasgar esse céu que no começo da pesquisa se fazia mais como um guardador de segredos, agora juntamente com os conceitos que trago para escrever a partir de uma escrita, por vezes, autobiográfica, sinto-me mais forte e mais confiante, para continuar movendo

pensamentos, materializando artisticamente aquilo que nos faz quem somos, ampliando assim olhares sobre nós, sobre os outros e sobre o mundo. Apresento a obra “FASES” e com ela o meu desejo de ter alcançado as expectativas de quem iniciou esta leitura e ainda mais, dos que interagiram com a produção artística no sentido de completá-la com seu olhar investigativo, contemplativo e repleto de memórias, porque é repleto de vida.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Thais et al. **Jamac**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2013.

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea**. Uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: de senectude os outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **IDENTIDADE: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

BUENO, Ricardo. **Alma brasileira**. Porto Alegre: Pallotti, 2013.

CINTO, Sandra. **Acaso e Necessidade**. Casa Triângulo, São Paulo, Brazil . **Chance and Necessity**, curadoria de [curated by] Noel Smith, West Gallery, USF Contemporary Art Museum [CAM], Tampa, Florida, US.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo de arte contemporânea?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006.

ECO, Umberto. **Obra aberta: forma e indeterminações nas poéticas contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GANZ, Nicholas. **O mundo do grafite. Arte urbana dos cinco continentes**. Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

KASTRUP, Virgínia et al. **PISTAS DO MÉTODO DA CARTOGRAFIA: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

KRAUSS, Rosalind. **A escultura em campo ampliado**. Gaveia. Rio de Janeiro, p. 129-137, 1984.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Campinas:

Revista Brasileira de Educação, 2000.

LEJEUNE, Philippe. **L'autobiographie en France**. Paris: Armand Colin, 1971. O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MACHADO, Arlindo. **Arte e mídia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos: história, tramas, tipos e usos** / Dinah Bueno Pezzolo. São Paulo: Editora Senac, 2007.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos - História, Tramas Tipos e Usos**. São Paulo: Senac, 2013.

RAJCHMAN, John. **O pensamento na arte contemporânea**. Novos Estudos 91. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/nec/n91/a05n91.pdf> > Acesso em 04/2018.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: Annablume, 2009.

SILVA, Luciana Bosco. Instalação: a experiência no espaço-tempo. In: ARANHA, Carmem, CANTON, Katia (org.). **Desenhos da pesquisa – Novas tecnologias em arte**. São Paulo: Museu de arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2012.